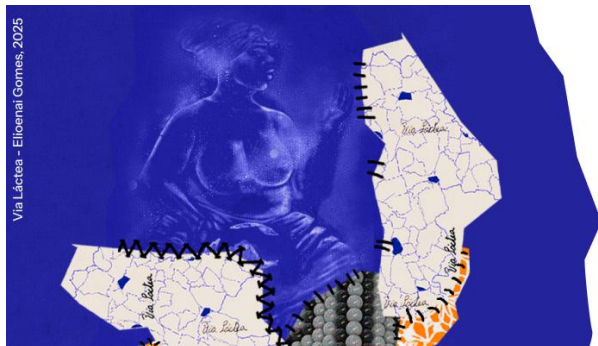




VARAL DE HISTÓRIAS DECOLONIAIS: relato de uma experiência antirracista na escola

Tamilis de Abreu Lima¹ – UFPA

Daniely Meireles do Rosário² – UFPA

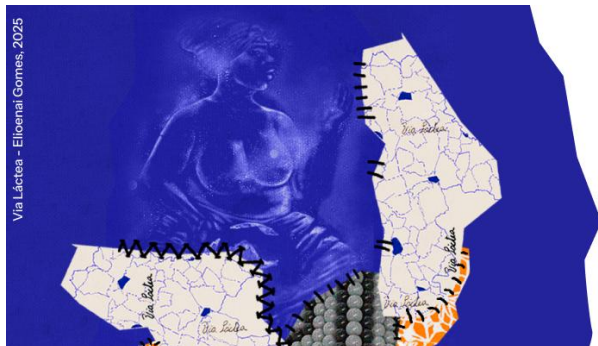
Introdução

Este relato crítico-reflexivo debruça-se sobre o “Varal de Histórias”, projeto gestado em 2024 com crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 10 e 12 anos, na escola estadual Elaine Ismaelino de Freitas, situada no bairro do Paar, em Ananindeua, Pará. A proposta surgiu no contexto dos encontros de Arte, constituindo um percurso inicial de autoria em Artes Visuais. Partimos de uma exploração estético-poética da Arte Sequencial enquanto “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma idéia” (Eisner, p.5, 2010). Seus gestos gráficos fundamentais desdobraram-se em movimento comunicativo, narrativo e expressivo nas criações visuais dos(as) estudantes.

Este processo criativo coincidiu com a minha imersão no Mestrado Profissional em Artes. Enquanto professora-artista-pesquisadora, fui profundamente afetada pelas discussões e leituras da formação — especialmente aquelas vividas no componente curricular “Processo de Criação, Experiência e Ensino em Artes”, sob a guia da Prof.^a Dr.^a Daniely Meireles do Rosário. Nesse intenso atravessamento, a perspectiva das

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES/UFPA). Licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Pará (UFPA). É professora de Arte na rede estadual de ensino (SEDUC-PA). tamilisdeabreu@gmail.com.

² Doutora em Artes, pela Escola de Belas Artes (UFMG). Mestre em Artes, pelo Instituto de Ciências da Arte (UFPA). Possui Licenciatura Plena em Educação Artística- Habilitação em Artes Plásticas (UFPA). Atua no corpo docente do Curso de Mestrado Profissional em Artes (ICA/UFPA-UDESC). E-mail: danymeireles@ufpa.br.



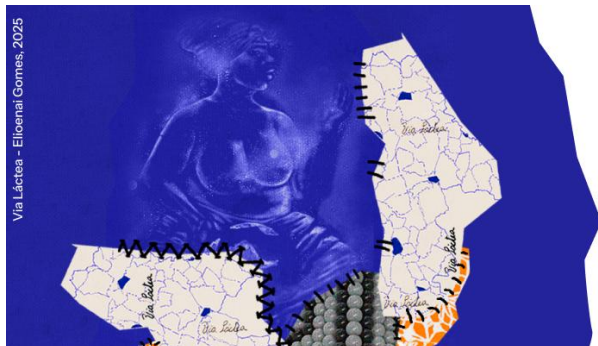
pedagogias decoloniais despontou como lente crucial, convocando-me a repensar radicalmente minhas práticas de ensinagem.

No aqui e agora da sala de aula, esse chamamento, disponibilizou-me ao entendimento de que “desaprender é um ato político e poético diante daquilo que se veste como único saber possível ou como saber maior em relação a outros saberes” (Rufino, 2021, p.19). Foi nesse campo de forças que se insinuou o gesto de propor às turmas uma dobra no percurso, um desvio intencional que abrisse clareiras para outros modos de (co)autoria. Busquei, assim, operar por uma escuta sensível às crianças, reconhecendo nelas seu lugar de sujeitos e produtoras de cultura.

Descrição da experiência

O projeto se desenvolveu ao longo de 12 encontros, realizados entre agosto e novembro de 2024. A metodologia articulou pesquisa-ação (Thiollent, 2011) e práticas de criação artística, assumindo o percurso como espaço de experimentação, descobertas e sentidos compartilhados. Em vez de seguir um caminho prescrito, o processo se organizou em ciclos de escuta, proposição, invenção e reflexão, abrindo-se à presença das crianças e de suas respostas, assim como os modos de sentir, imaginar e narrar que emergiam da experiência coletiva. O processo criativo se estruturou em quatro movimentos interligados:

Primeiro Movimento - Demolhar imagens: As crianças receberam, em grupos, reproduções de obras de arte sem qualquer explicação prévia. Entre elas estavam as releituras da artista Mariana Sguilla: *A Redenção de Cam*, de Modesto Brocos; *A Negra*, de Tarsila do Amaral; *Olympia*, de Édouard Manet; e *Abigail*, de Di Cavalcanti. Junto a essas, foram fornecidas obras de Heitor dos Prazeres, como *Roda de Samba*, *Soltando Balão* e *Músicos*, todas datadas das décadas de 1950 e 1960. Por fim, circulava no conjunto uma obra “intrusa”: *O Lavrador de Café* (1934), de Cândido Portinari. As imagens, entregues apenas como disparadores visuais, foram organizadas livremente

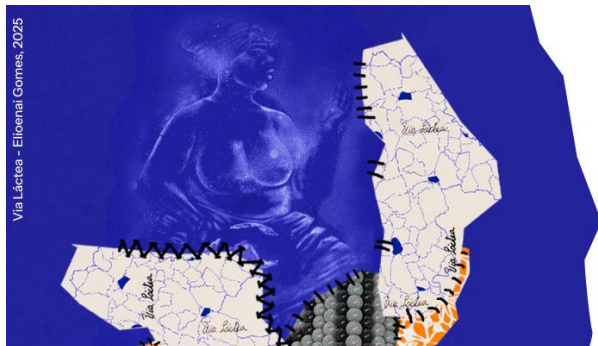


pelas crianças em sequências narrativas. Havia, no entanto, um fio condutor inevitável: todas as histórias deveriam girar em torno de uma mulher chamada Abigail.

Segundo Movimento – Lavar para revelar: Com as narrativas já inventadas, num gesto de atrito criativo, as obras retornaram ao grupo, agora acompanhadas de projeções e diálogos contextualizados. Discutimos as condições históricas das representações negras, a exceção de “Abigail” – que nomeia seu sujeito – e as políticas de invisibilidade nas narrativas hegemônicas. Aqui, a lavagem simbólica operou como gesto de desobediência epistêmica: as crianças entrevistaram diretamente na obra *Lavrador de Café*, ressignificando-a com cores, texturas e elementos gráficos que subverteram a narrativa original. Foi um ato de limpar as camadas de silêncio para revelar novas possibilidades de existência negra.

Terceiro Movimento – (Dis)torcer para dar forma aos corpos-narrativa: Através de brincadeiras e jogos teatrais, as crianças trouxeram as obras para o corpo: torceram, esticaram e moldaram as narrativas visuais em performances gestuais. Exercícios de imitação, encenação livre e criação de cenas coletivas permitiram que cada estudante experimentasse posturas, emoções e histórias das personagens criadas. Nesse movimento, a torção criativa articulou a passagem das mídias planas para a dimensão corporal, do individual para o coletivo, culminando na seleção democrática das obras que representariam cada grupo e consolidando o corpo como suporte de narrativas vivas.

Quarto movimento - Estendendo no varal: A turma foi convidada a socializar suas experiências no projeto *Varal de Histórias*, que tem como intencionalidade compartilhar práticas de leitura e produção textual dos estudantes. Diante disso, surgiu a ideia de pendurar as obras em um varal e, mais adiante, fixá-las em peças de roupas brancas. O varal transformou-se em palco: as camisas, estampadas com as releituras, foram penduradas como bandeiras de um novo imaginário. O espaço

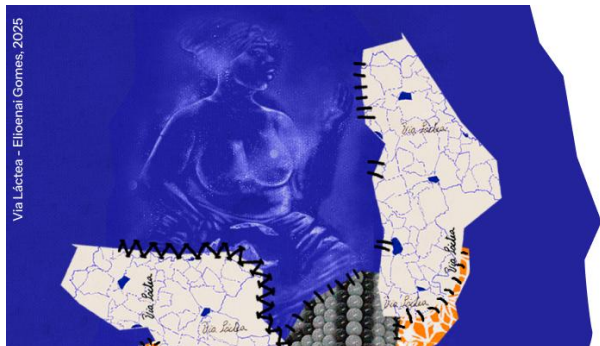


tornou-se um terreiro de histórias, onde narrativas ganharam corpo, voz e movimento. O experimento cênico “Abigail” foi apresentado à comunidade escolar. “*Alguém viu a Abigail?*”. Duas crianças adentraram o espaço carregando essa pergunta como um fio condutor. As demais, então, percorreram o varal colhendo as camisas-narrativa, vestindo-as e performando suas histórias.

Discussões e resultados

O percurso evidenciou-se como um potente dispositivo de (re)existência e de ampliação de repertórios identitários. Ao criar narrativas sem conhecimento prévio sobre o contexto histórico das obras, elas produziram histórias marcadas por positividade, cuidado e atenção às relações afetivas. Mesmo diante da obra “intrusa” — *O Lavrador de Café* de Portinari — os estudantes a imaginaram como “dono da plantação” ou “dono da horta”, demonstrando uma capacidade de construir imaginários socialmente mais justos, ainda não condicionados pelas leituras históricas convencionais ou “pelas políticas de desencantamento que firmaram contratos de subordinação” (Rufino, 2021, p. 8).

A contextualização histórica das obras, provocou impacto profundo no grupo. Surpresa, indignação e comentários críticos emergiram ao conhecerem as injustiças, o racismo e a intolerância religiosa presentes ou implícitas nas representações artísticas. Este momento revelou-se particularmente potente quando seis estudantes se identificaram como umbandistas e compartilharam experiências pessoais de discriminação na escola, na família e na comunidade. As narrativas sobre Abigail ganharam profundidade ao se conectarem com histórias de mulheres reais das famílias das crianças, estabelecendo pontes entre ficção e experiência vivida. A intervenção direta na obra de Portinari exemplificou como o ato criativo pode operar como gesto político, transformando imagens históricas em instrumentos de questionamento e resistência. No plano performativo, a transposição das narrativas visuais para o corpo e para a linguagem cênica do varal promoveu uma experiência



coletiva intensa, na qual os estudantes assumiram papéis ativos na construção e circulação de sentidos. O Varal de Histórias constituiu-se como território de partilha e encontro, onde vozes diversas se entrelaçaram, expandindo os significados para além dos limites da sala de aula.

Conclusão

O projeto *Varal de Histórias Decoloniais* evidencia o potencial da experiência artística como dispositivo de educação antirracista. Ao colocar as crianças no centro da criação e garantir-lhes autonomia para reinterpretar obras e construir narrativas próprias, o percurso promoveu fruição estética, reconhecimento da diversidade cultural e racial, questionamento de estereótipos e desconstrução de representações históricas hegemônicas. Como afirma Rufino (2021, p. 14), "a educação como descolonização está implicada por uma política de vida, ou seja, tem seus atos focados em contrair os ditames da agenda dominante", o que se concretizou no compromisso do projeto em criar espaços de contra-narrativa. A circulação das narrativas no corpo, na voz e no varal consolidou um espaço de partilha, fortalecendo vínculos de empatia, respeito e valorização das identidades negras. Assim, o projeto demonstra que a educação antirracista vai além do discurso, materializando-se em práticas que promovem reconhecimento, pertencimento e justiça simbólica, oferecendo às crianças ferramentas para reinterpretar o mundo e suas histórias a partir de perspectivas críticas e inclusivas.

Referenciais

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: Princípios e práticas do lendário cartunista**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: Educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.